

“A BORBOLETA INCOLOR” E “A SEREIA NEGRA”: PROSTITUIÇÃO E PERSONAGENS FEMININAS EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DE PAULINA CHIZIANE¹

Isabela Batista
Jeane Nascimento

Resumo: O presente artigo discorre sobre a narrativa da escritora Paulina Chiziane, com análise da obra *O alegre canto da perdiz* (2008). Com o intento de analisar a trajetória de personagens da obra, observaremos a problemática do corpo feminino negro e como a prostituição atravessa a vida da “borboleta incolor” e da “sereia negra”, epítetos de Maria das Dores e Delfina, respectivamente. Assim, a prostituição é o caminho em que elas são inseridas no processo de colonização e o desenvolvimento da resistência se apresenta como o ponto de quebra desse ciclo. Nesse sentido, o estudo se centra na óptica da crítica pós-colonial, através da interpretação problematizadora do colonialismo, fundamentado em teóricos pós-coloniais a exemplo de Albert Memmi (1967) e Homi Bhabha (2013).

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Literatura moçambicana. Prostituição. Personagens femininas.

Abstract: This article discusses the narrative of the writer Paulina Chiziane, with an analysis of the work *O alegre canto da perdiz* (2008). In order to analyze the trajectory of the characters in the work, we will observe the problems of the black female body and how prostitution crosses the life of the “colorless butterfly” and the “black mermaid”, epithets of Maria das Dores and Delfina, respectively. Thus, prostitution is the way in which they are inserted in the colonization process and the development of resistance presents itself as the breaking point of this cycle. In this sense, the study focuses on the perspective of postcolonial criticism, through the problematizing interpretation of colonialism, based on postcolonial theories such as Albert Memmi (1967) and Homi Bhabha (2013).

Keywords: Paulina Chiziane. Mozambican literature. Prostitution. Female characters.

1 Título em língua estrangeira: “The Colorless Butterfly” and “The Black Mermaid”: prostitution and female characters in *O alegre canto da perdiz*, by Paulina Chiziane.

Considerações iniciais

As literaturas africanas de língua portuguesa surgem em forma de reivindicação, contestação e combatividade em relação ao poderio colonial, consoante Hamilton (1999). Após os movimentos de libertação, a escrita pós-colonial proclamou a revolução e exaltou a “(re)construção nacional”. Nesse contexto, há duas tendências dos escritores das cinco ex-colônias portuguesas: reescrever o passado pré-colonial e colonial, e remitificar a história, segundo o autor.

A história, nessa perspectiva, é reescrita sob uma ótica pós-colonial, denotando as violências pelas quais as colonizadas e os colonizados são afetados, e, através da ficção, as experiências deles são remitificadas, não de forma a ocultar ou fantasiar alguma verdade, mas de modo a explicitar outras perspectivas da experiência da colonização. Dessa forma, neste trabalho, propomos a análise literária de uma narrativa moçambicana publicada no momento pós-colonial, porém que possui intrínseca relação com o contexto histórico do colonialismo, a obra *O alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane.

O romance *O alegre canto da perdiz* (2008) nos apresenta um enredo que gira em torno da história de Delfina, Serafina, Maria das Dores, Maria Jacinta e José dos Montes. A história

possui como plano de fundo Zambézia, uma província do centro de Moçambique, e aborda essa localização, onde ficam os Montes Namuli, apresentada como o centro e a origem do mundo. Aliada à narrativa da Zambézia e aos percalços pelos quais a província passou, está a história do seu povo, destarte, personagens femininas entram em cena com estórias marcadas pelo colonialismo português e pelas consequências da dominação.

Esse é o quinto romance de Paulina que, apesar de rejeitar títulos como romancista, é considerada a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, com seu livro *Baladas de amor ao vento* (2003). A escrita de Chiziane, então, parte da mistura da vivência e da imaginação, inspirada nas conversas em volta da fogueira, em que a fabulação e a realidade se ligam. A autora se afirma enquanto contadora de estórias, pois foi nessa escola que se formou; isso se relaciona à escrevivência² em que há a íntima ligação entre o escrever e o viver. Chiziane (2018), em entrevista ao Programa Extra-classe, afirmou: “Escrevo sobre o meu mundo, o mundo da mulher”.

Assim, desejamos colocar em evidência uma literatura que não é reconhecida devidamente em seu próprio país.

2 Esse termo advém da escritora brasileira Conceição Evaristo que intitula assim sua literatura pela forte relação entre o que escreve e as suas vivências.

Juntamente a isso, trazemos a autoria feminina, que também faz parte de um grupo minimizado, e, em se tratando de uma mulher negra, então, isso se acentua. Chiziane critica a falta de reconhecimento que seu próprio país tem em relação a ela; se refere ao fato de ser mulher e negra, o que influenciou de modo negativo na maneira como recepcionaram suas obras. Ela afirma: “Aquela ideia de perguntar o que uma negra com o meu estatuto social tinha para escrever. Quem tem poder usa a estratégia do silenciamento” (ALVES, 2017).

Diante dessa fala de Paulina Chiziane ao Brasil de Fato em 2017, observamos a necessidade de posicionamento da escritora desde o nascimento da sua escrita. A escritora contrapõe o esperado para o ser mulher e negra na sociedade moçambicana e desafia o silenciamento imposto. Dessa forma, diante de todas as barreiras enfrentadas para ter a literatura valorizada e frente à qualidade estética e cultural inegavelmente ilustre, é demanda urgente ressaltarmos o valor das obras tanto de Chiziane quanto de outros escritores e, sobretudo, outras escritoras dos países africanos de língua portuguesa.

Nesse caminho de contraposição ao sistema colonial e opressor, Paulina Chiziane traz tanto em prosa quanto na poesia uma lírica de liberdade, assim, nos poemas, nos contos

e nos romances, desafia os limites dos gêneros literários, os limites da escritora mulher e moçambicana. Para a ganhadora do prêmio Camões (2021), a palavra é construção e desconstrução e deve se ter ciência da importância que ela tem. Ela afirma a necessidade de lutar para não serem escravistas próprios, sendo que a liberdade de um reflete na liberdade do outro e a liberdade de todos torna a sociedade mais harmoniosa e humana. Chiziane argumentou ao Programa Extra-classe, em 2018: “Muito mais bonito contar uma estória do que propriamente escrever um romance”. O romance, segundo a autora, caracteriza-se pela formalidade, pela estruturação e por regras, e ela não almeja seguir uma estética rígida; sua intenção é falar de liberdade que está mais ligada à emissão da mensagem a partir da tradição oral.

Diante disso, neste trabalho, buscaremos analisar a trajetória da “borboleta incolor” e da “sereia negra”, epítetos de Maria das Dores e Delfina, observando a prostituição como o caminho em que elas são inseridas no processo de colonização e atentando para o desenvolvimento da resistência que se apresenta como o ponto de quebra desse ciclo. O estudo se centra na óptica da crítica pós-colonial, através da interpretação problematizadora do colonialismo, fundamentado em teóricos pós-coloniais a exemplo de Albert Memmi (1967) e Homi Bhabha (2013).

Este trabalho se encaminhou por uma abordagem qualitativa, com objetivo de explorar, descrever e entender os processos de violência contra o povo colonizado, mormente a problemática da prostituição, junto de suas consequências. Além disso, daremos um enfoque qualitativo histórico, tendo em vista que nos baseamos na relação entre a literatura e a história para desenvolvermos nossas reflexões, e examinaremos o funcionamento da violência colonial durante o colonialismo português em Moçambique.

Maria das Dores: “a borboleta incolor e disforme”

Sou uma borboleta incolor, disforme. Das palavras conheço as injúrias, e dos gestos, as agressões. Tenho o coração quebrado. (CHIZIANE, 2008, p. 17)

‘Um grito colectivo. Um refrão. Há uma mulher nua nas margens do rio Licungo. Do lado dos homens’. (CHIZIANE, 2008, p. 11)

Essa é a primeira situação da narrativa, e essa mulher de quem se fala é Maria das Dores. Seu estado causa espanto a todos, que correm para vê-la e rechaçá-la, pois ela se encontra transgredindo as normas da sociedade, nitidamente, por estar nua e também pelo fato de se banhar em um lugar reservado para os homens. As pessoas insistem em questionamentos: ‘Quem é ela?’; ‘De onde veio?’; ‘Hei, o que fazes aí?’. Desse modo, essa mulher negra com corpo tatuado inspira mistério, desprezo, repúdio, medo e piedade aos moradores da vila. A sua presença é tida como presságio de maus

momentos, e a sua imagem ‘[...] distorce o sentido mágico da nudez das sereias’. (CHIZIANE, 2008, p. 15)

No entanto, apesar de tantas indagações, Maria das Dores continua ali inerte sentada à beira do rio, sem respondê-los, visto que ela não entende o porquê de estarem zangados com ela. A mulher oscila entre olhar para o horizonte e olhar para a multidão, a qual inicia uma ação violenta de jogar areia no seu corpo, instante em que ela volta a mergulhar no rio “como uma ninfa rolando nas ondas” (CHIZIANE, 2008, p. 16), fazendo isso pelo fato de se sentir ameaçada.

Assim, nessa primeira imagem de Maria das Dores na narrativa, notamos uma mulher transgressora e resistente aos olhares e às vozes da multidão, a qual a repelia por estar nua num lugar considerado masculino. Dessa forma, ela vai de encontro à moral vigente, sendo trazida como a “heroína do dia” pela voz narrativa. Sobre o seu nome, vemos:

Maria das Dores é o seu nome. Deve ser o nome de uma santa ou uma branca porque as pretas gostam de nomes simples. Joana. Lucrécia. Carlota. Maria das Dores é um nome belíssimo, mas triste. Reflete o quotidiano das mulheres e dos negros. (CHIZIANE, 2008, p. 16)

Assim, observamos que o nome Maria remete a uma branca ou santa, que é, como historicamente conhecemos,

a mãe de Jesus, envolta em santidade e pureza. Além disso, em outras passagens do texto, explica-se que todas as mulheres passaram a se chamar Maria depois da chegada dos marinheiros, tornando esse um nome comum de mulher e mãe. Isso demonstra a influência cristã nos nomes dos zambezianos. Entretanto, no caso de Maria das Dores, a personagem carrega tristeza em seu nome pela dor.

A história dessa mulher negra é marcada por dores e sofrimentos, e tendo a mãe dado esse nome, já era uma predição de seu destino, tendo em vista que ela é uma mulher e, outrossim, negra. Todavia, apesar do silenciamento histórico da mulher negra, Maria das Dores tem voz e, rompendo o silêncio, ela reclama da perseguição que sofre:

Ah, minha mãe, eis-me aqui à beira do caminho. Ao lado do vento amigo. Na margem de um rio desconhecido. Perseguida por mulheres tristes. Naqueles gritos ouvi também o teu grito, minha mãe. Mãe, estavas naquele grupo? Por que será que não te vi? Por que não me mostraste o teu rosto, mãe? Eras tu, sim, naquele grupo de fantasmas, lançavam zumbidos nos meus ouvidos como um enxame de vespas. Eras tu e o teu grupo de fantasmas, querendo atingir-me, magoar-me, escondidas para desferirem sobre mim os seus golpes de raiva, mas não conseguiram, eu fui protegida pelas águas. Porque sou filha da água. Será

que estou nua, mãe? A nudez que elas viam não é a minha, é a delas. Dizem que não vejo nada e enganam-se. Cegas são elas. Gritam sobre mim a sua própria desgraça e me chamam louca. Mas loucas são elas, prisioneiras, cobertas de mil peças de roupa como cascas de uma cebola. Com o calor que faz. (CHIZIANE, 2008, p. 16-17)

A personagem clama à sua mãe por estar à beira de um caminho, o que nos desperta curiosidade sobre qual trilha ela percorre e aonde a leva. Ela não conhece o rio em que está, mas ressalta a proteção que tem das águas por ser filha delas. Na visão de Maria das Dores, as mulheres que a estavam perseguindo eram tristes, loucas e prisioneiras, concepção que foi direcionada à personagem. Devido a essa visão, observamos que ela se encontra lúcida, embora esteja se sentindo perdida: “Já não sei de onde vim, nem para onde vou” (CHIZIANE, 2008, p. 17). Todos sondam a identidade de Maria das Dores, ela não responde a ninguém, mas sabe bem quem é.

Diante disso, conhecemos Maria das Dores por ela mesma, sua vida traz sofrimentos, agressões, espinhos, porém, se caracteriza por ser uma mulher que não quer ter seu voo limitado. Ela está ligada à imagem dos pássaros e das águas, ao voo e às formas da água, sua vida é “presa nas teias de uma esperança desconhecida” (CHIZIANE, 2008, p. 17), e está

sempre em movimento, buscando pelo seu tesouro. Maria das Dores porta a imagem de transgressão e resistência, em consequência disso, inspira liberdade.

A personagem sabe a força de ser mulher, mas se sente invisível por causa do seu trajeto doloroso. Ela vai de encontro, desse modo, à força simbólica dominadora que atua sobre os corpos femininos. Essa força não atuou apenas sobre o aspecto físico, mas, sobretudo, na inculcação no colonizado e vários impedimentos, como o obstáculo à manifestação de costumes nativos, o que se relaciona à violência simbólica, abordada por Pierre Bourdieu (2012). Esse autor não considera o termo “simbólico” de modo a minimizar o caráter da violência física nas mulheres ou desculpar os homens pelo ato, pelo contrário, o que se quer demonstrar é “a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação” (BOURDIEU, 2012, p. 46).

Apesar de carregar a inspiração à liberdade, a imagem de Dores é entendida pelas mulheres da vila como um anúncio de mau presságio, de acordo com a tradição. Contudo, a mulher do régulo³, que atende as mulheres, traz outra visão:

3 O régulo é um chefe nativo de grande importância para a vida social, conforme Zamparoni (2012, p. 163): “Junod afirma que, antes da conquista militar, o régulo tinha um caráter sagrado, ou seja, sua existência e conduta correta era o que assegurava a própria existência da vida social: o aparato da realeza é reduzido ao mínimo. [...] O respeito pelo chefe, a obediência às suas ordens são gerais, e o que mantém seu prestígio não é a grande riqueza ou poder, é a ideia mística de que a nação vive por ele como o corpo vive pela cabeça”.

“– Coitada, não passava de um rato à procura de uma toca. Ou uma mandioca. Era um ser solitário em busca dos seus semelhantes. Por que a expulsaram?” (CHIZIANE, 2008, p. 20). Conforme Ilka Santos (2018), a mulher do régulo carrega a imagem de anciã que realiza a aproximação com os valores tradicionais da localidade e usa sua voz griótica e didática a fim de afastar Maria das Dores dos julgamentos das outras mulheres. Ela promove a compreensão de que o corpo negro de Dores traz marcas de identidade do lugar e das invasões feitas às mulheres colonizadas.

A mulher do régulo diz que Maria das Dores trazia uma mensagem boa de fertilidade e liberdade, e narra o conto do matriarcado para as mulheres: os homens e as mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli, as mulheres dominavam as tecnologias e eram puras, os homens eram selvagens e infelizes. Um homem, então, tentou atravessar o rio Licungo e, quando ia se afogar, surgiu uma jovem que tentou reanimá-lo com o calor de seu corpo; a partir disso, os homens invadiram o mundo das mulheres e as colocaram submissas, roubando todo o poder. Essa história aborda a violência simbólica, em que o homem é o sujeito e a mulher o objeto, um bem simbólico. Assim, uma sociedade antes matriarcal, inverteu a lógica, passando o homem a estar na posição dominante.

Através desse conto, a mulher do régulo mostra que a mensagem trazida por Maria das Dores é outra: veio para resgatar o poder que foi roubado, sua mensagem é de liberdade. Ademais, mostra que sua origem é parecida com a de todos, para responder ao questionamento de onde ela vem. Ela é de longe, assim como as outras pessoas, ressaltando que todos passaram por um percurso que os distancia do seu cordão umbilical, são diferentes lugares, ventres, classes, isso tudo devido aos processos sofridos:

– De onde viemos nós? – aguarda a resposta que não vem, e afirma: – Éramos de Monomotapa, de Changamire, de Makombe, de Kupula, nas velhas auroras. O poder era nosso. Lembram-se desses tempos, minha gente? Não, não conhecem, ninguém se lembrou de vos contar, vocês são jovens ainda. Unimo-nos aos changanes, aos ngunis, aos ndaus, nhanjas, senas. Guerreámo-nos e reconciliámo-nos. Fomos invadidos pelos árabes. Guerreados pelos holandeses, portugueses. Lutámos. As guerras dos portugueses foram mais fortes e corremos de um lado para outro, enquanto os barcos dos negreiros transportavam escravos para os quatro cantos do mundo. Vieram novas guerras. De pretos contra brancos, e pretos contra pretos. Durante o dia, os invasores matavam tudo, mas faziam amor na pausa dos combates. Vinham com os corações cheios de ódio. Mas bebiam água de coco e ficavam mansos e o ódio se transformava

em amor. As mulheres se parecem com coco, não acham? As mulheres violadas choravam as dores do infortúnio com sementes no ventre, e deram à luz uma nova nação. Os invasores destruíram os nossos templos, nossos deuses, nossa língua. Mas com eles construímos uma nova língua, uma nova raça. Essa raça somos nós. (CHIZIANE, 2008, p. 23)

A origem do povo é exposta, demonstrando tudo o que se passou até se chegar à nova raça, e, nesse contexto, percebemos a mulher como a geradora dessa nação. No entanto, essa nova raça se originou através da violência e da violação dos corpos das mulheres que, como trazido por Oliveira (2007), são elementos diferentes, mas a infração dos direitos delas (violação) se fez por meio da força e coação física (violência). Há a comparação da mulher com o coco, em que os homens vinham odiosos e, ao beber, ficavam mansos. O corpo feminino, então, carregou em seu ventre a nova nação após a destruição dos invasores, mas essa nação nasceu por meio de abusos.

Como afirma Hamilton (1984), apesar da influência das civilizações africanas, foi o colonialismo português que definiu as circunstâncias culturais e socioeconômicas ainda vigentes nas ex-colônias. No nosso caso, em se tratando de Moçambique – a despeito do contato entre as diversas etnias do país com os árabes –, a colonização portuguesa

atuou firmemente, e, como traz a personagem acima citada, a guerra colonial foi mais forte, com o adicional do tráfico de pessoas negras escravizadas.

Logo, vemos a violação dos direitos dos moçambicanos e das moçambicanas enquanto cidadãos e cidadãs, não havendo consideração dessas pessoas escravizadas como seres humanos. Conforme explicita a mulher do régulo, os templos, os deuses e a língua foram destruídos, mas houve a construção da nova nação com esses mesmos invasores. Todavia, essa construção da nova raça se fez por meio da violação das mulheres.

Diante disso, em se tratando do contexto o qual analisamos, a saber, o da colonização, dominar as colonizadas sexualmente é uma forma de satisfazer aos desejos do colonizador, mas também de reafirmar seu poder simbólico. Assim como a terra é estuprada pelo colonizador a fim de explorar os recursos materiais, o recurso humano também é subjugado, e, a mulher, considerada como objeto, é exposta à maculação, havendo a regulação de seu corpo pelo Estado, consoante Pinho (2015). Ademais, essa violação não só é realizada pelo colonizador, mas também por homens colonizados.

Consoante Osmundo Pinho (2015), o destino da mulher e do seu corpo é tomado em consideração pelo Estado, o que

faz visualizar uma economia política do gênero no contexto colonial. Essa incorporação do destino da mulher e do seu corpo pelo Estado se estende também ao momento pós-colonial. Pinho ainda discute sobre a regulação da mulher partindo de algumas documentações de Moçambique, em que os códigos e as legislações possuíam em comum o princípio da desigualdade racial entre os portugueses e os “indígenas”. Isso se faz tendo em vista que o poder colonial é efetivado a partir de um regimento jurídico distinto para os “indígenas”.

O poder fundamenta a base de todo governo, sendo um “conjunto de regras legisladoras das instituições que compõem o estado equilibrado, equalizado e defensor dos direitos da sociedade em todos os níveis” (OLIVEIRA, 2007, p. 32). Por outro lado, a violência é um instrumento a ser utilizado diante de uma justificativa. O poder, que conforme Oliveira (2007) distingue-se da violência, aparece junto a essa, nesse caso, pois a regulação do corpo caracteriza-se por um exercício de poder que leva à violação através da violência do estupro e da prostituição. A venda da virgindade de Maria das Dores pela mãe caracteriza-se como consequência desse processo colonial que empregou uma distinção entre corpos femininos negros e brancos/mulatos, em que aqueles

estão totalmente suscetíveis à violência do estupro e da prostituição por serem considerados de menor valor e vistos de forma objetificada.

Maria das Dores é esse corpo feminino negro que é estuproado e prostituído, além de sofrer com a desigualdade racial dentro do seio familiar, num ambiente que a distingue da irmã Maria Jacinta, que é mulata. Esse percurso leva a personagem à situação atual de procura dos filhos que foram fruto da violação de seu corpo.

Com o andar da narrativa, Maria das Dores recorda sua vida ao olhar para a igreja no alto da cordilheira, lembrando-se de seu pai, José, e da partida dela há 25 anos, com os três filhos pequenos no colo. O motivo desse acontecimento revela-se em seguida:

Mas como é que tudo começou? Começou ou terminou? Na vida nada é princípio, nada é fim. Tudo é continuidade. Mas tudo começou no dia em que o pai negro partiu para não mais voltar. Tudo começou quando o pai branco amou a sua mãe. Tudo começou quando nasceu a sua irmã mulata. Tudo começou quando a sua mãe vendeu a sua virgindade para melhorar o negócio de pão. Tudo começou com uma relação que envolvia sexo e amargura. Filhos e fuga. Torpor e ausência. Escalada de uma montanha. Soldados brancos na defesa do império de Portugal. Dinheiro e virgindade. Magia. Fortuna. (CHIZIANE, 2008, p. 28)

A história de Maria das Dores, portanto, é marcada pela existência de um pai negro e um pai branco, uma irmã mulata, a venda da própria virgindade pela mãe e os filhos. Após todo o percurso da sua vida, esse lugar em que se encontra também será onde sua nova vida recomeçará. A mulher do régulo, ao encontrar Maria das Dores, tenta saber sobre ela e nota algumas características que indicam sua procedência. Os hábitos de Maria das Dores são bons, denotando timidez, fala baixo, tem bom português, paladar fino, pede esmola educadamente e parece ser da grande cidade.

Para reconhecer a origem dela, há a observação das tatuagens e, decifrando os símbolos, descobre que são tatuagens *lomwé*. As tatuagens foram uma marca de identidade do tempo da escravidão, sendo que cada uma é única, uma vez que se desenhava o mapa da terra no corpo, de tal modo que isso permitiu o reagrupamento das famílias após a escravidão.

Conquanto a mulher do régulo tenha feito essa leitura sobre Maria das Dores, ela responde às perguntas que aquela faz, ao contrário do que aconteceu com as outras mulheres que a viram nua na beira do rio e queriam atacá-la. Com ela, Maria das Dores sente-se mais segura, pois “A voz da mulher do régulo é o remédio doce que lava as feridas da solidão. Ela respondeu a todas as perguntas com um sorriso” (CHIZIANE, 2008, p. 30).

Ao ser indagada sobre sua família, a resposta de Maria das Dores se endereça aos primeiros fatos que a levaram àquela situação, e a referência direta é a sua mãe, que não chorou quando o pai negro partiu, mas desmaiou quando o pai branco fez o mesmo. Há nisso uma crítica à mãe que amava os brancos, queria ser branca e preferia o status que essa relação proporcionava. Ao fim dessa conversa, a personagem revela o que está procurando: “– Os filhos que perdi” (CHIZIANE, 2008, p. 33), embora a mulher do régulo acredite que pode ser uma alucinação de uma mulher estéril.

Perante isso, notamos que a vida de Maria das Dores foi circunscrita por muitos sofrimentos, e a perda dos filhos explica toda a peregrinação e a “loucura” que a caracterizam. Esses filhos estão muito próximos: assim como a chegada dela, a narrativa nos traz a chegada do Padre Benedito e do Dr. Fernando, os dois filhos de Maria das Dores, a saber posteriormente, o que ocasiona curiosidade em todos por não serem apegados aos sentimentos mundanos, isto é, não se interessarem por nenhuma mulher. Logo, os irmãos:

Têm uma aura de ausência, de leveza, parece que lhes falta algo indescritível para completar a existência. Talvez o lado feminino, que completa o masculino, não o corpo, mas o lado sagrado, transcendente,

que faz qualquer um sentir aquela alegria de viver, até no vestir, no sorrir. (CHIZIANE, 2008, p. 41)

Esse vazio e essa falta de sentido por esses irmãos são o mesmo de Maria das Dores, e, do mesmo modo que essa mulher, as pessoas da vila querem saber sobre a origem dos dois. Diante disso, a mulher do régulo afirma às pessoas que a vinda deles é “para nos lembrar tempos em que a terra era nossa e as montanhas pariam vida. [...] Vieram para nos fazer renascer” (CHIZIANE, 2008, p. 42). Desse modo, vemos que o Padre Benedito e o Dr. Fernando também são sinais de libertação em relação ao passado, do mesmo modo que Maria das Dores. Assim, as vidas da mãe e dos filhos encontram-se entrelaçadas pelo destino, ainda que tenha transcorrido um período de afastamento de 25 anos.

Em encontros entre Maria das Dores e Padre Benedito e Dr. Fernando, constata-se uma conexão, tendo em vista que os dois se sensibilizam em relação a ela, não a percebendo apenas como louca, mas lhe endereçando um olhar mais humano. O médico, ao vê-la sentada à beira da estrada, aproxima-se e a convida para ir até a clínica. Na conversa que eles têm, a mulher sente confiança e, após insistência, lhe conta sua história: a voz dele parece familiar, era “Uma voz surgindo do sonho antigo, renascendo de um lugar distante”,

e ela era, justamente, “uma peregrina à busca de uma voz distante” (CHIZIANE, 2008, p. 51).

Nesse momento em que conta a sua trajetória para o Dr. Fernando, conhecemos o passado de Maria desde o seu nascimento, e aquela visão da mulher do régulo confirma-se:

Diz que não é uma preta qualquer. Não nasceu no matagal nem no canavial. Nem ao gosto do acaso nem por acidente. Ela foi desejada, esperada, o seu nascimento celebrado. Veio ao mundo nas mãos de uma parteira branca, no hospital dos brancos. Foi criada com leite, mel, beijos e muito carinho. Cresceu no berço de ouro e na alcofa de rendas. Gerada por um preto, criada por um pai branco. Um dia o pai negro partiu, o pai branco chegou e a vida mudou. (CHIZIANE, 2008, p. 52-53)

Portanto, Maria das Dores teve um nascimento feliz, mas a partida do pai negro e a chegada de um pai branco fizeram sua infância triste. A casa do pai preto é caracterizada por felicidade, sonhos, árvores verdes e comida farta. Por outro lado, a casa do pai branco, embora bela, com flores, eletricidade, melhor estrutura e comida boa, revestia-se de muita tristeza. Vemos assim a divisão do mundo colonial abordada por Fanon (1968), em que a vida do colono é mais farta que a do colonizado e desperta inveja desse por aquele, mas para Maria das Dores não se sucedia assim, a saudade que tinha era da casa do pai negro.

Esse último configurava-se como bravo, alto e belo, já o pai branco era baixo, redondo e meigo. Os dois disputaram em luta corporal o amor da mãe, até que o branco cede, e ambos decidem deixá-la fazer a escolha. A mãe escolhe o pai negro, mas depois acaba com o pai branco também. Assim, a história possui “malhas de sedução e traição” (CHIZIANE, 2008, p. 54).

Ao contar sobre a mãe, Maria das Dores tece críticas ao alegar que “Não ouvia os choros das crianças nem os apelos do mundo. Mas ouvia o tilintar das moedas caindo no solo a quilómetros de distância” (CHIZIANE, 2008, p. 53), isto é, sua mãe interessava-se apenas pelo dinheiro e por si mesma, e Dores ainda ressalta a beleza que possuía. Esse trauma racial é demonstrado pela personagem ao ter um momento de metempsicose quando está com o doutor. Nesse momento, há o relembrar de memórias antigas, mas que, ao mesmo tempo, se relacionam com a conexão que está tendo com Dr. Fernando, que é um dos seus filhos. Ele lhe causa estranhamento e indaga pelo verdadeiro médico, pois relembra o passado de hierarquia social em que os médicos eram só os brancos portugueses. Destarte, ela questiona:

– De onde tiraste essa bata branca, menino negro? Sai já daí, o teu lugar não é esse. O teu lugar é na entrada, no corredor, transportando macas, limpando o chão

e trocando os lençóis fedorentos dos doentes. O teu lugar é na lavandaria, na cozinha. Agora diz-me: onde está aquele médico branco? E a freira branca? (CHIZIANE, 2008, p. 59)

Maria das Dores rememora o tempo em que os negros não podiam alcançar um lugar superior no que concerne aos trabalhos, como ser um médico. O ofício da medicina era restrito aos homens brancos, o que a fez relembrar seu objetivo em saber para onde um deles levou os filhos dela. Nessa situação, essa lembrança insinua uma alucinação, porém, com o passar da narrativa, descobrimos que os filhos foram realmente levados por uma freira branca.

Como já analisado, Maria das Dores culpabiliza a mãe pelo que passou e tem sua vida marcada por sofrimentos que ela também originou. Logo, já conhecemos quais foram as consequências da violência colonial que dividem uma família inter-racial para o futuro de Maria das Dores, contudo, a partir da trajetória da mãe, Delfina, entenderemos como todos esses sofrimentos foram desenrolados. Como foi a trajetória de Delfina e o que a levou a vender a virgindade da filha? A partir do entendimento disso, compreenderemos como uma situação colonial de opressão, a prostituição, ocorre na narrativa de Chiziane, e quais os motivos e justificativas para que uma mãe faça isso com a própria filha.

Delfina: a sereia negra

“Delfina está acorçada diante das águas. Na confluência entre o rio dos Bons Sinais e o mar do Índico. Tentando decifrar os mistérios da noite no marulhar das ondas” (CHIZIANE, 2008, p. 45). Essa é a primeira imagem de Delfina na narrativa, que, assim como Maria das Dores, está à margem das águas também inquieta e ansiosa, como que esperando por algo. Delfina espera por Maria das Dores: “Há anos que espera o regresso de Maria no dorso das ondas. Contando o tempo que viverá entre o limbo e a saudade” (CHIZIANE, p. 46). Essa mulher também possui voz na narrativa e expõe seu passado:

Eu tinha uma filha. Ou tenho, já não sei. Era uma menina, linda. Nasceu em 1953, mas parece que ainda ontem brincava de mamã cuidando dos irmãos mais novos como bonecas. Partiu em 1974, como uma nuvem, e se esfumou no imenso palmar, já não a encontro. Procurei-a de palmo a palmo. Conferi as multidões, uma a uma. (CHIZIANE, 2008, p. 46)

Delfina se depara, nesse momento, clamando pela volta da filha e tem ciência de que a deixou uma “herança de espinhos” por ter sido gananciosa. Logo, vemos um ciclo de espera e de ansiedade para reencontros, pois Maria das Dores aspira pelo encontro dos filhos e Delfina clama pela

volta de Maria das Dores. Na situação presente, Delfina possui consciência de todos os males que realizou, a destruição de famílias e a desgraça de muitas virgens que enriqueceram o prostíbulo dela, atribuindo culpa a diversos fatores:

Por culpa da minha mãe que me fez preta e me educou a aceitar a tirania como destino de pobres e a olhar com desprezo a minha própria raça. Por culpa do Simba, meu amante e teu marido, que me alimentou de feitiços e fantasias destrutivas. Por culpa da natureza que me deu beleza sobre todas as mulheres. Por culpa do José, pobre e preto, que me alimentava de farinha e peixe seco, enquanto eu, Delfina, queria bacalhau e azeitonas. A culpa é do Soares, que me elevou aos céus e me largou no ar. A culpa foi minha. Por ter desejado ser o que jamais poderia ser. A culpa é do mundo, que me ensinou a odiar. (CHIZIANE, 2008, p. 47)

Assim sendo, a primeira culpa atribuída foi à mãe, que inculcou um estado de submissão nela por causa da raça e a fez aceitar as subjugações, isso é o que Delfina reproduz com Maria das Dores por esta ser negra. Alega também responsabilidade pela sua desgraça aos homens que passaram pela sua vida: Simba, o qual virou o marido de Maria das Dores, que oferecia magias a Delfina; José, que não deu o suficiente para ela; e Soares, que ofereceu tudo, porém a deixou.

Dessa forma, Delfina foi uma mulher que carregou consigo o ideal de melhorar a raça, advindo da mãe, teve muito poder nas mãos sobre os homens e acabou arruinando a vida de muitas mulheres, inclusive da própria filha, entregando-a em troca de favores. Posto isso, ela recebe alguns epítetos relacionados a essas suas ações: Madalena negra, Madalena convertida, prostituta do cais, borboleta dos marinheiros, sereia maligna, sereia do cais, sereia negra. Contudo, isso advém de um histórico do que sua mãe iniciou:

Tudo por causa daquele dia em que a mãe a atirou como uma gazela na jaula de um carnívoro. O velho branco estava no quarto escuro esperando por ela. Segurou-a. Apalpou-a. Sugou-a. A mãe sorria lá fora, tomando um copo de vinho e esperando por ela. Foi um momento de conflito intenso, em que não conseguia entender a alegria da mãe perante o pecado original. (CHIZIANE, 2008, p. 82)

Tendo isso, observamos que Serafina, mãe de Delfina, prostituiu a filha, entregando-a a um velho branco e ainda se regozija por esse feito, o que Delfina não compreende. Após esse acontecimento, Delfina passa a ser rechaçada, expulsa da escola da missão e também da igreja, por ser muito bonita, desconcentrar os rapazes e distrair os padres. Delfina sofreu com os poemas e cantigas sarcásticos que as crianças cantavam quando ela passava, foi atingida pelos

assobios dos marinheiros e protagonizava as conversas de bar e os desentendimentos dos casais devido à beleza e à sensualidade dela. Ela pede ao pai para se assimilar e poder frequentar a escola oficial, mas ele diz não a isso, e ela se revolta: “porque é que os pais interferiam nos sonhos das filhas? Uma vez é para casá-las cedo, outras fazê-las trabalhar nos campos, e no caso dela foi para ser inaugurada por um velho branco a troco de um copo de vinho” (CHIZIANE, 2008, p. 83). Essa distinção das escolas demonstra o compartimento do mundo colonial no que concerne à educação, com a existência de escolas indígenas e escolas europeias, discutido por Fanon (1968).

Diante disso, notamos quais os papéis da mulher nesse contexto: casar cedo, trabalhar nos campos ou ser prostituída. A terceira opção é o que acontece com Delfina e, depois, o que ela realiza com a própria filha, pois carrega consigo o sentimento de querer ser do mundo dos brancos para melhorar de vida: “terei a grandeza das sinhás e das donas, apesar de preta!” (CHIZIANE, 2008, p. 81). Ante a repulsa que as pessoas têm dela, Delfina possui a vontade de ser “alguém” na vida, o que, para ela, seria ter uma casa com muita comida, vinho, bacalhau, azeitonas etc., criados pretos para tratar como escravos, marido branco e filhas mulatas.

Esse é o sentimento de inferioridade de que trata Fanon (2008), originado a partir da chegada do branco, que se refere à imagem positiva, aquilo que o negro deseja ser, tendo em vista que isso garante a sua humanidade. Ainda segundo Fanon, o comportamento do negro se parece com um tipo neurótico obsessional, pois há a tentativa de fugir da própria individualidade devido a ser prisioneiro de sua subalternidade, assim como o branco é orientado neuroticamente pelo convencimento de sua superioridade.

Assim se sente Delfina, pois, enquanto negra, não detém os direitos de um cidadão, como ir à escola oficial; caso seu pai se assimilasse, ela se aproximaria da vida dos brancos que é repleta de vantagens. Do mesmo modo, a iniciação que Serafina, sua mãe, fez do corpo de Delfina, a impediu de conseguir um diploma numa escola indígena. Esse destino lhe causa revolta, sobretudo, pelos xingamentos que recebia. O olhar dela é do colonizado que possui inveja e vontade de estar no lugar do colono, como abordado por Fanon (1968).

Serafina carrega consigo também esse sentimento de inferioridade e demonstra compartilhar da mesma ferida que Delfina. Ela declara: “– Pensas que não sei o que sofres, Delfina? Ah, se eu pudesse abrir o meu peito e mostrar a ferida que tenho por dentro. Ser negra é doloroso. Negro

não tem deus nem pátria” (CHIZIANE, 2008, p. 86). Serafina conhece as dores da filha, mas a coloca como um objeto, visto que, quando Delfina a questiona por não tê-la feito com um branco, ela responde que é bom o fato de Delfina ser negra porque os brancos gostam do “exótico”.

Assim, Serafina objetiva de forma clara a filha, colocando-a como um ser a servir aos brancos sexualmente; essa visão advém do pensamento da mulher como um objeto, dominação que é inculcada por meio de efeitos duradouros que leva o dominado a se autodepreciar, consoante Bourdieu (2012). No entanto, está em questão outra variável que é a raça, a qual, como vimos com Bhabha (2013), é instaurada como diferença negativa através da fixidez do estereótipo.

A fixidez do estereótipo tanto do colonizado quanto do colonizador impede que o significante “raça” seja instaurado de outra forma que não como uma diferença negativa, sempre, então, pela ótica do racismo. A possibilidade da diferença, nesse caso, não está isenta das ideologias de dominação racial e cultural. A estratégia de domínio do poder colonial, destarte, se ampara sobre as duas identificações ligadas ao imaginário: a agressividade e o narcisismo, havendo o reconhecimento da diferença, mas, concomitantemente, sua rejeição e mascaramento.

Nesse caminho de inferiorização da mulher e, especificamente, da mulher negra, Serafina aconselha Delfina a não sonhar muito alto, atribuindo essa impossibilidade de ter muita ambição à cor, já que a mulher negra não pode ter grandes anseios. Entretanto, Delfina não se satisfaz no mundo da prostituição e sofre por ter esse trabalho:

A minha vida é fácil? Meu Deus, esta gente não sabe o que diz. Finjo, por orgulho, que sou feliz. É por orgulho que lanço ao mundo este olhar de rainha. Cada homem que me sobe é uma pá de terra que me cobre. Cada moeda que recebo é uma picada na alma, dói. Não se pode ser boa moça num mundo de injustiça. Numa luta desigual, vale mais a pena a rendição que a resistência. O que querem eles de mim? Que me levante ao cantar do galo para ir semear arroz? Que me entregue nas plantações de palmeiras como escrava, para receber no fim da canseira uma chávena de sal? Não! Prefiro oferecer as doçuras do meu corpo aos marinheiros e ganhar moedas para alimentar a ilusão de cada dia. A natureza deu-me um celeiro no fundo do meu corpo. (CHIZIANE, 2008, p. 85)

Então, percebemos alguns pontos sobre essa situação da prostituição na vida de Delfina. Ela adentra esse mundo por responsabilidade da mãe, logo, a primeira situação em que se encontra é de estupro. Posteriormente a esse fato, persiste nesse mundo porque não tem mais a opção de ser uma professora por ter sido expulsa da escola indígena e para não

ter de ir trabalhar nas plantações como escrava. Desse modo, prefere explorar o próprio corpo, que, como ela afirma, é uma “mina de ouro”, pois possuía beleza inigualável.

Contudo, isso não é feito sem dor, ela finge felicidade, mas a cada vez que vende seu corpo morre um pouco mais. A desigualdade existente torna-se aspecto crucial para não sair dessa vida, pois, na sua visão, é melhor se render do que resistir a esse sistema de ser explorada como uma escrava. Diante de todo esse andamento, ela almeja ascender socialmente e, nesse contexto, só vê o casamento com o branco como alternativa, continuando a afirmar:

‘Um dia vou mudar o meu destino, a mãe vai ver. Esses pobres pretos ver-me-ão a surgir das cinzas coroada de ouro. Com o mundo na palma da minha mão, cravejado de diamantes. A mãe verá esse dia, eu juro!’ (CHIZIANE, 2008, p. 86)

Essa vontade de Delfina irrompe por uma ironia do destino, visto que ela se apaixona por um homem negro condenado, denominado José dos Montes, ambos são arrebatados por um amor incontrolável e decidem casar para que o amor esfriasse. No entanto, Serafina mostra-se completamente contra a união:

A filha trouxera várias visitas de homens brancos, do que Serafina não desgostava porque lhe deixavam nas mãos moedas

soltas, garrafas de vinho, lenços de seda roubados no guarda-roupa de uma esposa. Por vezes traziam, até, um cabaz com um bacalhauzinho seco e umas azeitonas. Aquele preto, o que daria em troca? (CHIZIANE, 2008, p. 96)

Dessa maneira, inicialmente, há uma revolta por parte de Serafina por conta de José não ter nada para lhe oferecer, o que se percebe pelo fato de que a presença de homens brancos agradava à mãe pelo que eles deixavam na casa. Depois, Serafina ressalta a questão da cor: “– Melhora a tua raça, minha Delfina!” (CHIZIANE, 2008, p. 96). Ela reproduz o discurso que reafirma o sentimento de inferioridade implantado pelos colonialistas, uma vez que a presença de José traz à lembrança os três filhos que foram arrancados do seu colo numa noite de ataque dos sipaios. Serafina não quer que Delfina tenha filhos negros para que também não sejam deportados ou condenados, ambicionando, assim, que a filha aproveite a beleza com que nasceu e se una a um branco, mesmo que pobre.

Diante disso, é notável que ela é marcada pelas consequências do colonialismo, o qual aponta o branco como superior, dominando todo o poder e se colocando como única saída para ascensão na sociedade. Como consequência desse domínio, os filhos de Serafina foram

levados para serem explorados e nunca mais voltaram, sendo essa a grande dor da personagem e o que ela não deseja para a filha. A mãe insiste em mitigar dos pensamentos de Delfina a possibilidade da mulher negra amar, visto que, para ela, a vida da negra é a servidão, e, quanto ao amor, Serafina explicita:

– O que é o amor para a mulher negra, Delfina? Diz-me: o que é o amor na nossa terra onde as mulheres se casam por encomenda e na adolescência? Diz-me o que é o amor para a mulher violada a caminho da fonte por um soldado, um marinheiro ou um condenado? As histórias de paixão são para quem pode sonhar. A mulher negra não brinca com bonecas, mas com bebês de verdade, a partir dos doze anos. A conversa de amor e virgindade é para as mulheres brancas e não para as pretas. Por que me falas de amor? A paixão é perigosa, Delfina, não te fies nela. O amor é caprichoso como as marés, vai e vem, esconde-se, aparece, voa. Se queres construir um lar sólido não te fies no amor, porque quando ele se esvai destróis tudo e partes à procura de outro. É por isso que para nós, negras e pobres, o amor e a paixão deviam ser proibidos. (CHIZIANE, 2008, p. 101)

A opção do amor para a mulher negra é restringida, como já foi salientado; existem poucas opções como o casamento cedo e arranjado ou a violação dos corpos, não há história bonita para essa mulher; o casamento é precoce, assim como a gravidez.

O amor, segundo Serafina, é caprichoso e não é base para o lar sólido, por isso, insiste que o amor não é para as negras e pobres porque elas podem ser deixadas por outra.

Embora insista em ser contra o casamento, Delfina não desiste, e, após isso, Serafina até se convence de que o fato da família ser toda negra garantiria a harmonia familiar. Esse convencimento vem após uma conversa com o marido, que demonstra uma visão otimista no que concerne ao futuro: “– Minha Serafina, devias sorrir e sonhar. Tens de acreditar no amanhã. A opressão morrerá. Nos próximos sóis os filhos crescerão junto das mães, serão enterrados no cemitério da família ao lado dos seus antepassados” (CHIZIANE, 2008, p. 109). Essa visão otimista do personagem, veremos, estende-se ao olhar esperançoso que Chiziane ostenta nessa obra quanto ao passado de opressão em direção ao futuro de liberdade. As próprias personagens, Maria das Dores e Delfina, trajam o tom da liberdade, porém, sem esquecimento das dores do passado.

O casamento de Delfina e José dos Montes, então, foi um acontecimento: “A cidade parou para assistir ao insólito: o casamento de uma prostituta” (CHIZIANE, 2008, p. 113). Esse fato é visto a partir de diversas perspectivas: para Delfina, torna-se uma afirmação e celebração frente a todos que a

desdenharam; para os homens, causa inveja por José ter “domado” essa mulher “apetitosa”. A comunidade que a atacava se espanta pela prostituta estar virando santa, já as mulheres brancas agradecem pelo fato de que não correriam mais o risco de perder seus maridos e, assim, olham para Delfina com sentimento claro de rivalidade.

Dessa forma, de modo geral, Delfina é observada como a prostituta que a população rejeita, a mulher que os homens querem dominar por ser cheia de fogo e uma potencial destruidora de casamentos entre brancos. Tendo isso, o modo como Delfina encara essa vida, de forma árdua, difere, nitidamente, da visão que as pessoas têm sobre ela. O uso do seu corpo foi uma forma de sair da miséria, dado que trabalhando nas plantações de arroz ou de palmeiras, por exemplo, receberia uma remuneração insuficiente. No entanto, havia um desejo de triunfar e fugir das humilhações que essa vida proporcionava, logo, o casamento mostrou-se o caminho para abdicar dessa vida, como declara a personagem: “hoje juro abandonar tudo e seguir todos os passos para construir uma vida nova. Entrei na igreja e subi ao altar. Quero ter uma boa família e um bom nome. Realizei este casamento para ordenar a minha vida” (CHIZIANE, 2008, p. 116).

Delfina aspira a isso, pois está apaixonada por José, mas, como antecipado pelos dois, o amor vai esfriando, fazendo ressaltar a falta de dinheiro e a antiga Delfina:

– Saiba, desde já, algumas coisas – resmunga Delfina –, estou contigo, legalmente, e também acidentalmente. Acidente do coração. Estou contigo para curar uma doença, uma paixão. Outra coisa: o dinheiro não me falta, nunca me faltou. Lembra-te. Eu sou a Delfina, a quem todos os homens procuram. (CHIZIANE, 2008, p. 120)

A busca por uma vida melhor pelo casamento dá lugar ao desconforto por José não apresentar mais o que trazia com seu salário de contratado (status ao qual se elevou como prenda de casamento). Essa mulher não se submete de forma alguma ao marido, uma vez que se prioriza em vez dele, se interessa em cuidar da sua beleza e não do alimento do marido. Por fim, a arma que ela utiliza para melhorar de vida é obrigar José a se assimilar, o que ele realiza a contragosto. E eis o que sucede: “Delfina experimentou a sua saia longa, de seda, com entretela e forro. Gosta da sua nova imagem. Da imagem do seu José. Gosta daquele cheiro a goma, a sabão e a vida nova” (CHIZIANE, 2008, p. 126). Para ela, o fato de José já não ter se assimilado foi um tempo perdido, ela reproduz um pensamento de que é melhor servir ao regime do que ser morto por ele, tentar

resistir em meio a um contexto de fome e escravidão é uma perda de tempo.

Delfina, então, engravidada e todos os conflitos sobre raça voltam a resvalar. José não fica contente porque reflete sobre ter um filho negro, pois “reproduz o discurso da sua sogra Serafina, que reside no subconsciente. Filho negro, geração de escravidão. Mão-de-obra do palmar. Do canavial” (CHIZIANE, 2008, p. 148). Desse modo, José teme pelo futuro do filho, que pode passar pelas mesmas agruras que passou o pai, e prefere uma filha mulher: “Que seja uma menina, sim. Prostituta, borboleta do cais, carne dos marinheiros. Que seja sexo à venda, ao grama, ao quilo. Que durma com qualquer branco por causa do sal e do açúcar. Que seja deusa do amor, vaca sagrada” (CHIZIANE, 2008, p. 150).

A partir disso, notamos a visão de José: é melhor uma filha ser prostituída do que um filho deportado, contratado ou outro. Assim, o corpo da mulher pode ser submetido aos mandos dos colonizadores, mas o do homem tem de estar distante da exploração. Já na gravidez, Delfina rejeita tudo o que se refere ao mundo dos negros, repudia o pedido de José de colocar o nome da mãe dele na filha, por serem assimilados, e também ignora os conselhos de Serafina por

ter insultado o seu marido. Ademais, Delfina não quer mais seguir as cerimônias e os rituais para um bom parto, apesar de Serafina os fazer mesmo sem a aprovação da filha. Após o parto, isso se estende, visto que Delfina não aceita os conselhos da mãe referentes a práticas e cerimônias. Logo,

A vida entre as gerações transformou-se nisto. Sempre discutindo ideias, vivências. Sem consenso. Pisando areia movediça na viagem ao desconhecido. Os espíritos dos marinheiros e os bantu montaram o palco na mente do homem negro. E os negros retiram as próprias raízes, tal como os pássaros velhos no final da estação. Distanciando-se cada dia mais de si próprios. Da sua essência. Árvores com raízes ao léu balançam ao sabor da brisa. Sem sustento. Mãe e filha aprenderam a viver o mundo das aparências como uma ciência. (CHIZIANE, 2008, p. 158)

Esse afastamento das raízes foi realizado por Delfina, que rejeita a cerimônia de nascimento da filha, considerando isso uma prática primitiva. Além disso, recusa o chá de ervas e a água de coco que a mãe sugere, tomando, em lugar disso, antibióticos dos brancos. A assimilação, então, leva a essas ações de negação de práticas ancestrais e nativas em favor do uso dos costumes dos brancos cristãos. Essa proibição dos ritos de iniciação e costumes configura-se como controle do corpo da mulher por código legal, assim como abordamos com Pinho (2015). A perspectiva do pai de

Delfina nos antecipa a vida de sofrimento da neta; sob seu olhar, Delfina coloca espinhos nos caminhos da filha e critica Delfina, tentando demonstrar que ela nunca se encaixará na vida dos brancos. O pai alerta:

Se queres existir, vale mais lutar pelo teu território. Para que este chão seja mais teu, e a tua raça a tua morada. És negra e ainda por cima mulher. Como podes amar o que jamais será teu? És assimilada? Que prazer sentes tu em ser tratada como cidadã de segunda categoria? (CHIZIANE, 2008, p. 160)

O homem, então, adverte a filha a respeito dessa vivência em dois mundos, tendo em vista que Delfina tenta esconder suas raízes e entra em um caminho de negar a si mesma, como trazido por Memmi (1967), o qual aponta que a assimilação é vista como a única forma de o colonizado transformar-se no colonizador, mas isso não é possível, já que o colonizador repudia a entrada dos colonizados no seu grupo. Essa é a via que Delfina observa para ela e José alcançarem o novo status, e, em meio a isso, o pai antevê um futuro triste para a filha e para a neta, sobretudo após o nome que Delfina dá à filha, Maria das Dores. O pai afirma:

Até parece que o teu destino será caminhar pelos vales, pelas montanhas, pela terra inteira, para embalar as dores, oh, pequenina! Esta mãe louca um dia hipotecará a tua vida e te arrastará por caminhos de dor, ah, Maria das Dores! (CHIZIANE, 2008, p. 162)

Como já conhecemos, esse é o caminho de dor percorrido por Maria das Dores, seu corpo é feito de moeda de trocas e, em seu destino, perde-se dos seus. A vinda de Maria Jacinta é marcada como um dos grandes fatores da vida infeliz de Maria das Dores. Para José, esse nascimento é sua morte e a marca da traição; para Delfina, configurou-se como ascensão, pois ela tinha consciência de que a assimilação não se efetiva, de fato, e de que José não adquiriria a imagem de um branco. A terceira filha, a qual desgraça a vida de José, simboliza sorte para Delfina, visto que:

– O meu estatuto é maior a partir de agora! Mãe de mulata. Concubina de um branco. Não mais morrerei à míngua, com esta filha que é a minha segurança. Erguerei esta criatura como uma bandeira branca, a acenar aos marinheiros e a gritar: sou vossa! Juntei o meu sangue ao vosso na construção da nova raça. Eu te ameí, marinheiro, cumpri a minha promessa, eis aqui o teu filho! Eternizei a tua passagem por esta terra. Trouxe alegria ao coração da minha negra mãe. Segurança para a velhice do meu pai. O direito a um pedaço de terra para construir uma casinha e semear couves e cebolas, sem ter que pagar o imposto de palhota num espaço que é nosso por herança divina. Esta criança irá libertar o nosso Zezinho do destino de machileiro ou plantador de cocos de um branco qualquer. Vai defender a Maria das Dores da prostituição no cais dos marinheiros. (CHIZIANE, 2008, p. 193)

Essa filha, Maria Jacinta, representa para Delfina a sua entrada no mundo dos brancos e a salvação financeira da família, sendo, então, um acontecimento louvável. No entanto, a presença de Maria Jacinta, junto ao pai branco, Soares, desarmoniza as relações. Soares, o qual disputou o coração de Delfina com José e o perdeu, é conquistado por ela com magias realizadas por Simba. Delfina encontra-se ambiciosa, sem se conscientizar a respeito das consequências do que solicita, e o próprio Simba resiste a fazer as magias, tendo em vista que praticar bruxarias contra brancos pode gerar condenação, deportação ou morte. As práticas de curandeiro são vistas como demoníacas, sendo um dos maiores atentados contra o regime. Todavia, Delfina persiste:

– Coloca a tua magia ao meu serviço. Traz o homem para o meu leito, Simba. Sou uma boa negra para um homem branco. Quero mostrar que uma negra pode ser gente e pode ultrapassar as barreiras entre as raças. Se me ajudares neste negócio serás bem pago. Com dinheiro vivo. Propriedades até. Dar-te-ei metade do que conseguir. (CHIZIANE, 2008, p. 219)

Dessa maneira, Simba consegue fazer com que Soares morra de amores por Delfina e recebe em troca um barraco com teto de zinco e chão de cimento. Assim, Soares gradativamente vai abandonando a mulher, que, por não

ver mais jeito, parte para Lisboa com os filhos, e Delfina adentra a casa do branco. A partir desse momento, a vida de Maria das Dores transforma-se negativamente, e, de forma gradativa, vai ocorrendo a queda do reino de Delfina. Na relação entre Delfina e a filha Maria das Dores, há uma quebra da maternidade romantizada, como traz Ilka Santos (2018), há uma ressignificação do amor materno devido à necessidade de sobrevivência e à ganância.

Considerações finais

Evocamos a voz de uma mulher negra moçambicana cuja riqueza de construção literária nota-se pela utilização de algumas técnicas de discorrer o enredo, a exemplo do decorrer na narração ligada a contos que trazem a história da tomada de poder das mulheres pelos homens, denotando a afirmação de liberdade frente ao comando masculino. Em meio a essa valorização da estética de Chiziane, ressaltamos algumas problemáticas que se inserem na sociedade moçambicana e que aparecem ficcionalmente no romance *O alegre canto da perdiz* (2008), que é a prostituição da mulher moçambicana.

Observamos, com o auxílio de Bourdieu (2012), o corpo da mulher tomado como um bem simbólico, um objeto e um suporte para a procriação. No contexto colonial, como

nos trouxe Pinho (2015), houve uma regulação do corpo da mulher pelo Estado, em que o poder colonial exerceu um conhecimento sobre esse corpo, a fim de deixá-lo submisso. Tendo isso, em documentos de Moçambique existia o princípio da desigualdade entre o colonizado e o colonizador, e a legislação instituiu imposições de padrões morais com código penal que punia práticas e costumes ao homem, mas, sobretudo, à mulher. Essas proibições desembocaram no controle do corpo da mulher, e, conseqüentemente, na liberdade de subjugar-lo. Com as personagens femininas, Delfina e Maria das Dores, acompanhamos a regulação dos seus corpos, os quais foram submetidos ao homem dominador, sendo ele colonizador ou não.

Delfina, prostituída pela mãe quando nova, encaminhou-se pelo trajeto de se render e até servir ao sistema para tentar ascender socialmente, na ilusão de que a relação inter-racial era uma possibilidade para não viver miseravelmente nesse contexto. Assim, ela viveu dessa maneira até se casar com José dos Montes, o qual ela incentivou à assimilação, tentando de toda forma ter uma vida de brancos, o que alcança com a união a Soares. Sua ambição a fez chegar ao ponto de utilizar o corpo da filha, Maria das Dores, como moeda de troca. Essa, como o nome que possuiu, sobreviveu às várias dores advindas da vida que a mãe lhe promoveu:

contexto de racismo dentro do lar, venda da virgindade e perda dos filhos. Tendo isso, Maria das Dores tece críticas à mãe pelo que passou e tem sua vida marcada pelos sofrimentos que ela originou.

Desse modo, vemos um ciclo de subjugação da mulher, mas, ao final, Delfina, junto a José, reconheceram o sofrimento que a assimilação acarretou, sentindo remorso por isso e reconhecendo que a luta e resistência do povo trouxe a liberdade. Logo, Chiziane em sua narrativa nos apresentou personagens colonizados perpassados por várias formas de violência, corroborando, ao longo da obra, a escrita assinalada pela liberdade e pela resistência, apesar de todos os percalços originados pelo colonialismo.

Delfina e Maria das Dores, as duas personagens destacadas neste trabalho, são duas mulheres negras cujos corpos foram violados e vendidos, corpos que antes de nascer já possuíam destinos marcados. Delfina se encaminha pelo trajeto de se render e até servir ao sistema para tentar ascender socialmente, na ilusão de que trocar de raças era uma possibilidade para não viver miseravelmente em seu contexto. Assim, a prostituição foi o primeiro passo da sua vida, por causa da mãe, e subjugou a filha, Maria das Dores, também a isso. Por outro lado, Maria Jacinta, a filha mulata,

não foi submetida ao mesmo, fazendo perceber, então, que não é a qualquer mulher que deve ser inserida nisso, mas, sim, a mulher negra. A prostituição de mulheres negras, então, proporcionou destinos cruéis de apagamento e serviço pleno ao regime colonial, e, para sair disso, é necessário a tomada de consciência que, para as personagens em questão, vem após inúmeras perdas.

Referências

- ALVES, Alessandra. “Temos que nos perguntar se somos livres ou escravos”, afirma Paulina Chiziane. *Brasil de Fato*. Cachoeira (BA). 30 out. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/10/30/temos-que-nos-perguntar-se-somos-livres-ou-escravos-afirma-paulina-chiziane/>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- BHABHA, Homi K. A Outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. Uma imagem ampliada. In: *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helen Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HAMILTON, Russell G. *Literatura Africana Literatura Necessária II: Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições 70, 1984.

HAMILTON, Russell G. A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial. *Via Atlântica*, n. 3, p. 12-23, 1999.

OLIVEIRA, Jurema José de. *Violência e Violação: uma leitura triangular do autoritarismo em três narrativas contemporâneas luso-afro-brasileiras*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2007.

PINHO, Osmundo. *O Destino das Mulheres e de sua Carne: regulação do gênero e o Estado em Moçambique*. *Cadernos Pagu*, n. 45, p. 157-179, 2015.

SANTOS, Ilka Souza dos. *Narrativas do empoderamento: um olhar à ficção de Paulina Chiziane*. 2018. 105f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SINPRO MINAS. Programa Extra-classe – Paulina Chiziane.

Youtube, 6 ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qMPv19JHUo>. Acesso em: 30 jan. 2020.

Isabela Batista

Doutoranda em Estudos Literários, Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Sergipe.

Mestra em Estudos Literários, Literatura e Cultura, pela Universidade Federal de Sergipe, 2020.

Professora da rede pública estadual de Alagoas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6216305240590566>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3669-3721>.

E-mail: belabds.santos@gmail.com.

Jeane Nascimento

Doutora em Letras, Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo, 2007.

Professora da Universidade Federal de Sergipe - Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4804100141834826>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7541-5639>.

E-mail: jeanecn@uol.com.br.